



RELAÇÕES SOCIAIS E ESTIGMAS VIVENCIADOS POR MULHERES ACOMETIDAS PELA HANSENÍASE

Maria Eduarda de Pontes Macedo ¹
Kelvyn Kennedy de Figueiredo Silva ²
Heloisy Alves de Medeiros Leano ³

RESUMO

A hanseníase é uma doença infecciosa, de transmissão pelas vias aéreas, que persiste como problema de Saúde Pública no Brasil. É uma doença estigmatizada desde os tempos antigos devido as deformidades que podem vir a surgir. Homens e mulheres vivenciam de modos diferentes as alterações advindas deste processo. As mulheres sofrem mais impactos sociais devido as desigualdades, e as alterações em seus corpos, que são significativas e trazem prejuízos à sua qualidade de vida. O objetivo do presente estudo é sumarizar o conhecimento científico a cerca das relações sociais e estigma vivenciado por mulheres acometidas pela hanseníase. Trata-se de um estudo bibliográfico, tipo revisão integrativa da literatura, realizado em setembro de 2020 nas bases de dados LILACS, BDENF e SciELO. Com os seguintes descritores “Mulher” e “Hanseníase”, com operador booleano “AND”. Os critérios de inclusão são: artigos científicos, disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês e espanhol, responder à pergunta norteadora, em formato eletrônico e mediante acesso gratuito. Além dos trabalhos que não atenderam os critérios de inclusão, foram excluídos desse estudo, artigos que não se adequavam ao tema, totalizando ao final a inclusão de 09 artigos. Os dados revelaram que as mulheres acometidas sofrem consideravelmente mais devido as desigualdades já existentes para com elas no campo sócio-cultural, e apontam os efeitos biopsicossociais, além dos estigmas que pesam sobre essas pacientes diante do adoecimento por essa doença negligenciada. Portanto, mulheres acometidas pela hanseníase necessita ser amparada, de maneira humanizada, para se sentir fortalecida em seu enfrentamento da doença.

Palavras-chave: Hanseníase; Mulher, Doenças negligenciadas;

INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma das doenças mais antigas do mundo. Relatada na arte, literatura e religião, ela carrega consigo o estigma e a discriminação, sobretudo devido às deformidades físicas, gerando medo nas pessoas e levando ao isolamento, devido ao preconceito de suas famílias, grupo social e, até mesmo, dos profissionais de saúde. Esse cenário preconceituoso é

tão grande que a hanseníase é conhecida desde os velhos tempos, como the death before death (a morte antes da morte) (SANTOS et al, 2018).

É uma doença infecciosa, transmitida pelas vias aéreas, no convívio prolongado de pessoas com a doença em sua forma multibacilar sem tratamento. Considerada uma patologia crônica por requerer longo período de acompanhamento pelos serviços de saúde, tem sido apontada como uma das principais causas de incapacidades físicas entre as doenças infectocontagiosas. A hanseníase ainda é considerada um problema de saúde pública, e uma doença negligenciada por afetar, predominantemente, populações pobres, com pouca visibilidade e voz política (SILVA et al, 2018).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) foram reportados no mundo cerca de 208.619 casos novos da doença em 2018. Desses, 30.957 ocorreram na região das Américas e 28.660 (92,6% do total das Américas) foram notificados no Brasil. Diante desse cenário, o Brasil é classificado como um país de alta carga para a doença, ocupando o segundo lugar na relação de países com maior número de casos no mundo, estando atrás apenas da Índia (OMS, 2019). Entre os anos de 2014 a 2018, foram diagnosticados no Brasil 140.578 casos novos de hanseníase. Entre estes, 44,8% dos casos novos ocorreram no sexo feminino e 55,2 % no sexo masculino (BRASIL, 2020).

No que diz respeito ao processo de saúde e de doença, homens e mulheres vivenciam de modos diferentes todas as alterações oriundas deste processo. Há também o olhar sobre a maneira de como o impacto causado pela hanseníase é tido em ambos os gêneros. O corpo da mulher portadora passa por alterações significativas que trazem prejuízos à sua qualidade de vida, o que leva à diminuição da sua condição produtiva, bem como a limitações da vida social e problemas psicológicos (DIAS et al, 2017).

O corpo da mulher marcado pela hanseníase com qualquer incapacidade visível compreende um universo subjetivo, produz representações, e, ao mesmo tempo em que se torna produto das mesmas, pode interferir na maneira desta mulher refletir sua autoimagem, implicando em determinados modos de cuidado de si e de relacionar-se com o mundo (PALMEIRA, 2011). Outro aspecto relevante em relação à hanseníase, é sua associação ao que

¹ Graduando do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, eduardamacedopl@gmail.com;

¹ Graduado pelo Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, kelvyn_kennedy@hotmail.com;

¹ Professora orientadora: Doutora, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; heloisymediros@hotmail.com.



é feio, os ideais e padrões de beleza, fortemente aderidos na sociedade brasileira, são cobrados principalmente pelas mulheres, sendo colocados em questão quando estas são acometidas pela hanseníase, comprometendo suas relações de autocuidado. Deparar-se com a realidade um corpo manchado e marcado por uma doença rotulada na sociedade se desdobra em sofrimento e angústia para elas, afetando significativamente sua autoestima.(GONÇALVES et al., 2017).

As mulheres se preocupam com as deformidades, uma vez que as lesões incapacitáveis provenientes da hanseníase, além de tornarem visível a doença, podem contribuir com decadência as atividades do cotidiano, pondo em risco seu espaço, seja dentro da família ou no trabalho. O não-cumprimento das suas funções dentro da família mostra a ‘incapacidade’ da sua administração doméstica e do cuidado com os filhos, motivo para serem abandonadas pelos maridos ou companheiros (OLIVEIRA, 1998).

Assim, a mulher com o corpo alterado pela doença se vê confrontada com uma realidade multifacetada, que a impele para uma (re)aprendizagem intrapsíquica (objetivação e ancoragem) da sua nova condição feminina. Essa aceitação de sua nova imagem pode transformar-se em uma fonte de conflito pessoal. Sua capacidade para aceitar e adaptar-se a essas mudanças repercute diretamente em seu estado emocional, em sua qualidade de vida e em suas funções pessoais, familiares, sociais e laborais (PALMEIRA, 2012).

Diante deste cenário, emerge-se a seguinte indagação: o que se tem publicado sobre as o estigma enfrentados por mulheres acometidas pela hanseníase? Para responder esse problema de pesquisa, o objetivo desse estudo é sumarizar o conhecimento científico a cerca dos estigmas vivenciados por mulheres acometidas pela hanseníase.

METODOLOGIA

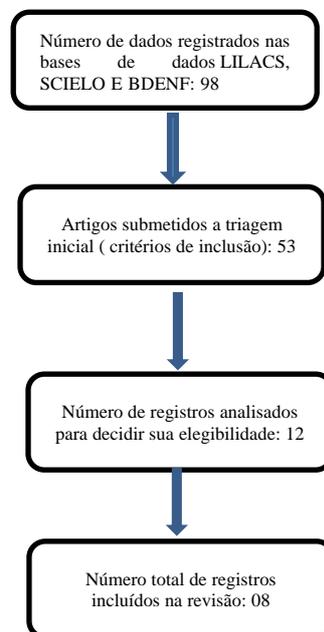
Trata-se de um estudo bibliográfico, tipo revisão integrativa da literatura. Segundo o referencial teórico metodológico de Whitemore e Knafl (2005), as seguintes etapas devem ser seguidas: elaboração da questão de pesquisa, estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de estudos, categorização dos estudos, avaliação dos estudos incluídos, interpretação dos resultados e síntese do conhecimento. Utilizou-se a seguinte pergunta norteadora: “Como são as relações sociais e quais os estigmas enfrentados por mulheres acometidas com hanseníase?”.

Realizou-se a pesquisa em Setembro de 2020 nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Banco de dados em enfermagem (BDENF) e na Scientific Electronic Library Online (SciELO). Selecionaram-se os



seguintes Descritores de Ciências da Saúde (DeCS): “Mulher” e “Hanseníase”, com operador booleano “AND”. Adotaram-se os seguintes critérios de inclusão: artigos científicos, disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês e espanhol, responder à pergunta norteadora, em formato eletrônico e mediante acesso gratuito. Além dos trabalhos que não atenderam os critérios de inclusão, foram excluídos desse estudo, após análise do texto, os artigos que não se adequavam ao tema. Foram encontrados 98 publicações com a estratégia de busca nas bases de dados, sendo incluídos no estudo 08 estudos.

Figura 1 – Diagrama do processo de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os 08 estudos incluídos nesta revisão foram organizados no quadro 1. Os trabalhos foram avaliados levando em consideração, a fonte primária do estudo, o ano de publicação, metodologia, os objetivos e os resultados obtidos.

Observa-se no quadro 1 predomínio de publicações nos últimos 04 anos, seis trabalhos entre 2017 a 2020, todos utilizam método qualitativo, e têm como país de origem o Brasil.



Quadro 1- Distribuição dos trabalhos que constituem o corpus do estudo, segundo referência, país, ano de publicação, tipo de estudo, amostra do estudo, objetivos e resultados.

Referência	País	Ano	Tipo de estudo	Amostra	Objetivos	Resultados
OLIVEIRA, 1998.	BRASIL	1998	Estudo de abordagem qualitativa e exploratória	649 hansenícos (447 homens e 202 mulheres)	Buscar compreender quais são os principais efeitos que a hanseníase provoca em cada gênero	Os dados revelaram que a doença mobilizou representações diferentes entre os homens e mulheres nos diferentes grupos sociais. Acentuando as desigualdades já existentes no campo sócio-cultural e criando novos problemas responsáveis pelos prejuízos bio-psico-sociais e econômicos, além dos estigmas que pesam sobre os indivíduos.
NEIVA, 2018	BRASIL	2018	Estudo de análise qualitativa e abordagem exploratória	08 entrevistadas. Desse universo, temos 2 aposentadas, 2 artesãs de ofício, 2 trabalhadoras formais, 1 desempregada em busca de recolocação no trabalho à época da entrevista e 1 autodeclarada “do lar”.	Busca compreender as facetas do estigma da hanseníase em mulheres vivendo no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais.	As dificuldades enfrentadas pelas mulheres de relacionamento com os serviços, com o próprio corpo, com a família, assim como a relação da doença com aspectos místicos e religiosos, são categorias analíticas que emergiram da pesquisa.
SANTOS et al, 2018	BRASIL	2018	Estudo de abordagem	Foram entrevistados 11	Conhecer as percepções do	Emergiram três categorias temáticas: as



conbracis

			qualitativa do tipo exploratória	participantes em tratamento para reação hansênica.	portador de reações hansênicas sobre essas manifestações, analisar as práticas de cuidados de si adotadas pelos portadores das reações hansênicas e discutir a relação entre tais percepções e o cuidado de si como um indicador para o cuidado.	reações hansênicas e suas consequências na percepção de seus portadores; o cuidado de si frente às reações hansênicas; e o indicativo para o cuidado. Quanto às práticas de cuidado de si, essas foram analisadas a partir da ótica de Foucault, onde os participantes demonstram preocupação consigo, superando a falta de conhecimento.
DIAS et al, 2017	BRASIL	2014	Estudo qualitativo, exploratório e descritivo.	Realizado com 15 mulheres.	Conhecer a vivência e os sentimentos de mulheres com hanseníase.	Cinco categorias foram definidas após o processo de análise: << Convivendo com a hanseníase >>, <<Mudanças de vida em decorrência da hanseníase>>, <<A hanseníase e as relações sociais >>, << Apoio e busca de enfrentamento >>, << Sentimentos e perspectivas futuras >>.
PALMEIRA, 2012	BRASIL	2012	Estudo qualitativo, exploratório e descritivo.	Participaram 43 mulheres com alterações corporais causadas pela hanseníase, frequentadoras de uma unidade	Compreender as concepções das mulheres sobre o corpo feminino com alterações provocadas pela hanseníase.	Os resultados mostram concepções de corpo relacionadas à saúde (passado) e à doença (presente), mostrando a força da estética e da funcionalidade do corpo, influenciando na



conbracis

				de referência especializada em dermatologia sanitária.		participação e inserção social destas mulheres.
SILVA, 2018	BRASIL	2017	Estudo qualitativo, exploratório e descritivo.		Analisar a experiência de mulheres com reações hansênicas, com enfoque nas interpretações quanto ao processo de descoberta, origem e significado desse adoecimento (em que conceito e noções causais se imbricam), bem como nas contradições e ambiguidades diante do diagnóstico e tratamento.	As reações imbricam-se na trajetória da hanseníase e são marcadores do adoecimento por intensificarem a dor ou por causarem marcas e eritemas pelo corpo. Ao explicarem sua origem, as reações são inseridas em contextos abrangentes e situações de estresse ou tristeza. O tratamento torna-se um problema na medida em que afeta como elas se veem, processo que é acrescido e incorporado à situação estigmatizante causada pela hanseníase. Ter reações pode ser considerado “pior” do que ter hanseníase, pois nem sempre é possível prevêê-las ou controlá-las; por isso, assume-se que a noção de cura requer outros sentidos, baseados na reconstrução cotidiana.



GONÇALVES et al, 2017.	BRASIL	2017	Qualitativo e exploratório	10 mulheres com idades entre 24 anos e 74 anos, entre as quais 2 eram casadas, 5 eram solteiras, 1 era viúva e 1 possuía união estável.	Analisar a interferência da hanseníase na vida de mulheres em relação ao trabalho e atividades de vida diária.	Os temas apresentados são: “As dores da hanseníase”, “Mudanças com a doença e adaptações no trabalho e nas atividades” e “Ser mulher com hanseníase”. Neles, apresentamos os aspectos que mudaram na vida das mulheres a partir da hanseníase, especialmente com relação ao trabalho e às atividades diárias. Além da limitação física, há impactos nas relações sociais e sobretudo no trabalho formal, podendo haver inclusive demissão.
PINHEIRO, 2017.	BRASIL	2017	Estudo descritivo e qualitativo	10 familiares de ex-doentes de hanseníase segregados no Hospital Colônia São Francisco de Assis, de ambos os sexos, e idade de 44 a 76	Identificar se familiares de pacientes com hanseníase, tratados em hospitais colônia, eram atingidos pelo preconceito, estigma e exclusão que permeava a vida dos doentes.	Dois eixos temáticos - estigma e preconceito e exclusão social – desvelam a influência da hanseníase no estabelecimento de relações sociais.

De acordo com os estudos selecionados e analisados, foi possível observar que existe uma diferença marcante presente em pacientes acometidos pela hanseníase no que diz respeito ao gênero, as mulheres acometidas sofrem bem mais com a doença no convívio social, devido aos padrões estipulados pela sociedade, as desigualdades socio-culturais enfrentadas, além de também serem mais preocupadas com a beleza e estética.



A rejeição está presente nos discursos das mulheres através de relatos de situações reais vividas no seu cotidiano e, também, no receio que sentem para isso acontecer. A repulsão está no âmbito de vivência, e a mulher se antecipa a uma rejeição imaginada e se autoprotege da exposição, ocasionando um isolamento social. O sofrimento apresentado pelas mulheres em decorrência das alterações vivenciadas se revelou como uma circunstância traumática pelas mudanças nos seus estilos de vida em razão das situações vividas naquele momento, pelo afastamento dos amigos, do local de trabalho e de tudo o que fazia parte do seu dia-a-dia (PALMEIRA, 2012).

É imprescindível ressaltar que em pessoas acometidas com a doença, a dor física interfere diretamente no desempenho do trabalho e nas atividades diárias. Entretanto, as condições de vida da mulher muitas vezes, não permitem faltas e afastamento do emprego ou ainda a não realização destas atividades como lavar roupa, limpar a casa, fazer refeições. Portanto, a hanseníase vai ocupando um lugar de dor silenciosa que, associada a problemas na autoimagem, afeta diretamente diversas áreas na vida destas mulheres (GONÇALVES et al, 2017).

As reações interligam-se na trajetória da hanseníase e são marcadores do adoecimento por intensificarem a dor ou por causarem marcas e eritemas pelo corpo. Ao explicarem sua origem, as reações são inseridas em contextos abrangentes e situações de estresse ou tristeza. O tratamento torna-se um problema na medida em que afeta como elas se enxergam, processo que é incorporado à situação estigmatizante causada pela doença. Ter reações pode ser considerado “pior” do que ter hanseníase, pois nem sempre é possível controlá-las e por isso, assume-se que a noção de cura requer outras abordagens, baseados na reconstrução cotidiana (SILVA, 2018).

Define-se portanto que as mulheres preocupam-se com as deformidades e alterações ocasionadas em seu corpo, e o não cumprimento das funções na família mostra sua ‘incapacidade’ na administração doméstica e no cuidado com os filhos, motivo pelo qual podem levar a serem abandonadas pelos maridos ou companheiros. Esse conjunto gera um desgaste emocional e a sensação de haverem retirado sua liberdade de fazerem atividades de mulheres competentes e capazes de realizar as tarefas que lhes são encarregadas, tanto dentro quanto fora do ambiente familiar. O conflito entre o desempenho do papel de gênero e a limitação física desencadeia sentimentos de culpa, que também podem relacionar-se às crenças culturais aprendidas durante a socialização dos indivíduos no contato com seu meio ambiente (OLIVEIRA, 2000). Com isto, mudanças no comportamento e alterações na vida diária dessa



conbracis

IV Congresso
Brasileiro de
CIÊNCIAS da
SAÚDE

Saúde Populacional:
Metas e Desafios
do Século XXI

ISSN 2525-6696

www.conbracis.com.br

mulher comprometem sua vida social e na saúde plena. Para a mulher, a tripla jornada pode lhe conceder sentimentos que talvez ela ainda não saiba se são bons ou ruins, talvez por influência do meio cultural no qual foi criada ou da sociedade em que ainda vive (GONÇALVES et al, 2017).

O estigma pessoal e social, causado pela enfermidade, faz com que muitos portadores não revelem para a família, por acreditar que podem ser discriminados. O apoio, principalmente da família, é imprescindível para o enfrentamento da doença e o encorajamento de sua condição. A não aceitação das mudanças na imagem corporal, que ocorrem de maneira repentina, nas mulheres com hanseníase, gera um estranhamento de si. Essas mulheres passam a não ter o prazer de antes com seu próprio corpo, repudiando o mesmo e limitando-se do convívio social que antes tinham (DIAS et al, 2017).

A valorização da interação familiar equilibra as perdas naturais impostas pelas morbidades da hanseníase, contribuindo para a redução do sofrimento do portador das reações hansênicas. Assim, é importante que as ações de educação em saúde sejam estendidas à família, pois torna-se uma fonte de apoio no tratamento da doença. As ações educativas voltadas para o autocuidado contribuem para a adesão do portador ao cuidado de seu próprio corpo, tendo como finalidade um processo de consciência corporal e ressignificando sua imagem corporal (SANTOS et al, 2018). Os hansenianos que foram submetidos a tratamento fora de sua residência, em situação asilar, revelam sentimentos de frustração, raiva e revolta após o diagnóstico (NEIVA, 2018).

Cabe aos profissionais de saúde, em especial o enfermeiro, a realização de atividades de cunho educativos, a fim de disseminar informações sobre a cadeia epidemiológica e tratamento da hanseníase, para que possa tentar reduzir o preconceito diante dos portadores da doença. A adoção de tais medidas leva ao esclarecimento da população, favorecendo a integração social, convívio familiar e a adesão do paciente à terapêutica (PINHEIRO, 2017).

Por isso é muito importante que os serviços de saúde estejam atentos à força que a mulher tem como representatividade dentro da família e na sociedade, e os profissionais devem solicitar sua ajuda na elaboração de atividades de prevenção, controle e tratamento dos portadores de hanseníase. Mobilizar a participação das mulheres nos programas educativos na comunidade é acreditar na influência positiva que elas exercem sobre as outras mulheres (OLIVEIRA, 1998).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu conhecer e evidenciar um pouco sobre a experiência e sentimentos de mulheres portadoras de hanseníase, e como elas vivenciam suas relações sociais e os estigmas vividos pela doença. Os resultados mostraram que há um grande impacto vivido por estas mulheres, diante ao diagnóstico e enfrentamento da doença, tendo que lidar com toda sua rotina de vida alterada e cheia de desafios. É notório que os sentimentos revelam a angústia, a tristeza, o medo, a dor, o preconceito, a superação e a fé tendo que haver toda uma readaptação em suas vidas. Destaca-se que a doença tem grande efeitos visíveis, o “adoecer” causa alterações que repercutem em toda a vida pessoal, familiar, conjugal e social das pacientes, porque são vividos de forma integrada pelas pessoas.

Diante disso, é importante enfatizar que a mulher portadora de hanseníase necessita ser acolhida, de maneira humanizada, para se sentir fortalecida e amparada em seu enfrentamento na doença, e os profissionais de saúde precisam reconhecer essas necessidades para prestar um cuidado longitudinal e ampliado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim epidemiológico: Hanseníase 2020. Brasília, 2020. Disponível em: < <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2020/boletim-epidemiologico-de-hanseníase-2020> > Acesso em 18/10/2020 às 16:00.

GONÇALVES, Marcela et al. Trabalho e hanseníase: as mulheres em suas dores, lutas e labutas. **Rev Bras Enferm** [Internet]. 2018;71(sup11):706-14 Acesso em: 17 out 2020.. Disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-898455> >

NEIVA, Ricardo Jardim; GRISOTTI, Marcia. Representações do estigma da hanseníase nas mulheres do Vale do Jequitinhonha-MG. **Physis**, Rio de Janeiro , v. 29, n. 1, e290109, 2018. Acesso em: 17 out 2020 Disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1012772> >

OLIVEIRA, M.H.P; ROMANELLI, G.. Os efeitos da hanseníase em homens e mulheres: um estudo de gênero. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 14, n. 1, p. 51-60, Jan. 1998 . SciELO 1998. Acesso em: 18out 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/csp/v14n1/0125.pdf> >

OLIVEIRA, Maria Helena; GOMES, Romes. Perspectiva de gênero e o estudo das doenças Endêmicas. 2000. **Editora Fiocruz**. Acesso em: 17 out 2020 Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/45vyc/pdf/barata-9788575413944-12.pdf> >

PALMEIRA, Iací Proença; FERREIRA, Márcia de Assunção. "O corpo que eu fui e o corpo que eu sou": concepções de mulheres com alterações causadas pela hanseníase. **Texto contexto**



conbracis

IV Congresso
Brasileiro de
CIÊNCIAS da
SAÚDE

Saúde Populacional:
Metas e Desafios
do Século XXI

ISSN 2525-6696

www.conbracis.com.br

- **enferm.**, Florianópolis , v. 21, n. 2, p. 379-386, June 2012 . Acesso em: 18 out 2020. Disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-643976> >.

SANTOS, Anderson Lineu; PEREIRA, Ivonete Vieira; FERREIRA, Angela Maria Rodrigues; PALMEIRA, Iaci Proença. Percepções de portadores de hanseníase sobre as reações hansênicas e o cuidado de si. **Revista Pan-Amazônica de Saúde.**, Belém-Pará. Acesso em 18 out de 2020. Disponível em:< http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232018000400037 >

PINHEIRO, Mônica Gisele Costa; SIMPSON, Clélia Albino. Preconceito, estigma e exclusão social: trajetória de familiares influenciada pelo tratamento asilar da hanseníase. **Rev. enferm UERJ.** Acesso em 18 out 2020. Disponível em: < DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2017.13332> >

SILVA, L. M. de A.; BARSAGLINI, R. A.. “A reação é o mais difícil, é pior que hanseníase”: contradições e ambiguidades na experiência de mulheres com reações hansênicas. **Physis** [online]. 2018, vol.28, n.4, e280422. Epub 25-Fev-2019. ISSN 1809-4481. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312018280422>.

DIAS, Amália Crystina Nascimento de Sá; ALMEIDA, Rebeca Aranha Arrais Santos; COUTINHO, Nair Portela Silva; CORRÊA, Rita da Graça Carvalhal Frazão; AQUINO, Doralene Maria Cardoso de; NASCIMENTO, Maria do Desterro Soares Brandão. Vivência e Sentimentos De Mulheres Portadoras De Hanseníase. **Rev enferm UFPE on line.**, Recife. Acesso em: 18/10/2020 às 09:30. Disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1032542>>

WHITTEMORE, R, KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. **J Adv Nurs.** 2005. Dec; 52(5): 546-53.